

UMA LEITURA DA HERMENÊUTICA DO SUJEITO: O CUIDADO DE SI COMO CUIDADO COM O OUTRO E A FORMAÇÃO DOCENTE

READING OF THE HERMENEUTICS OF THE SUBJECT: THE CONCERNE FOR SELF AS THE CONCERNE FOR OTHER AND THE TEACHING TRAINING

Eixo 06 – Educomunicação, Práticas e Formação Docente

DAVID DA SILVA PEREIRA – DAMAT-UTPFR-CP e PPGEN-UTFPR-LD
SILVANA DIAS CARDOSO PEREIRA - ALLE-AULA-FE-UNICAMP

RESUMO: Cuida-se de uma leitura do Curso “A Hermenêutica do Sujeito” de Michel Foucault aos seus ouvintes no *Collège de France*, centrado no resgate do conceito de “cuidado de si”. Essa ideia é fundamental na compreensão do papel daquele que se dispõe a “cuidar do outro” no meio educacional e mais precisamente no ofício de professor. A análise do texto e das relações entre a atitude filosófica e o processo de formação de si foi realizada a partir do cotejamento das edições francesa e brasileira. Esse discurso pode funcionar para operacionalizar o “cuidado de si” como “cuidado do outro” por meio de um projeto de formação de si, de atenção consigo, de restabelecimento de um processo de construção da autonomia, da emancipação do formador como um itinerário a ser partilhado com o outro e que convida a cada qual a voltar-se para si como forma de perceber o seu caminho, a sua formação inicial e continuada e de assumir a condução desse processo de direção que oportuniza o ouvir e o partilhar de possibilidades acerca da ideia de formação como uma arte de (re)construir a si e, nesse movimento, criar pontes de aproximação com o outro que também realiza esse movimento e não uma escuta acrítica ou um cumprimento de tarefas. Como resultado, a investigação apontou possibilidades de construção de uma outra relação promotora da formação de si a partir da amizade, presencialmente ou por outros meios, com vistas à emancipação e à autonomia desses formadores de uma Universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidado de Si; Cuidado com o Outro; Hermenêutica de Si; Formação de Si; Arte de Viver.

ABSTRACT: Take care of a reading of the Course "The Hermeneutics of the Subject" of Michel Foucault to its listeners in the *Collège de France*, centered in the rescue of the concept of "the concerne for self". This idea is fundamental in understanding the role of the one who is willing to "the concerne for other" in the educational environment and more precisely in the office of teacher. The analysis of the text and the relations between the philosophical attitude and the process of self-formation was carried out from the comparison of the French and Brazilian editions. This discourse can work to operationalize "the concerne for self" as "the concerne for other" through a project of self-formation, of caring for oneself, of reestablishing a process of building autonomy,

of emancipating the formator as an itinerary to to be shared with the other and invites each one to turn to oneself as a way of perceiving their way, their initial and continued formation and of assuming the conduction of this process of direction that allows them to listen and share possibilities about of the idea of formation as an art of (re)constructing itself and, in this movement, to create bridges of approximation with the other that also realizes this movement and not an uncritical listening or a fulfillment of tasks. As a result, the research pointed to possibilities of constructing another relationship promoting self-formation from friendship, in person or by other means, with a view to the emancipation and autonomy of these university formators.

KEY-WORDS: Care of One; Beware of the Other; Hermeneutics of Si; Formation of Si; Art of Living.

1 Introdução

Este texto não é uma resenha ou uma síntese de um Curso apresentado na forma oral e transcrito por uma equipe francesa para depois ser traduzido em português para a publicação no Brasil porque já há muitas dessas tentativas. Ele também não se presta a funcionar como um roteiro de compreensão do autor, em vista da complexidade da sua obra e do encadeamento necessário de suas investigações que demandam um estudo sistemático de seus cursos, suas obras e de seus “ditos e escritos”¹.

Pretende ser uma leitura interessada em compreender exatamente como a ideia de “cuidado de si” é construída por Foucault e como pode ser empregada para estabelecer uma relação necessária com o “cuidado do outro” por aqueles que se dedicam à docência, à prática do ensino, à construção de uma relação profunda de amizade (no sentido romano) e, ao mesmo tempo, de trabalho profissional com seres humanos em seus processos de formação.

A amizade, do ponto de vista social desenvolvido por Foucault (aula de 27.jan.1982), segunda hora, cuidad de uma “estrutura em torno de um indivíduo, mas com vários sujeitos a rodeá-lo e que têm seu lugar que muda conforme a elaboração realizada por cada qual (FOUCAULT, 2001, p. 147).

É disso que se trata, vez que o cuidado de si pode ser compreendido apenas

¹ Denominação atribuída à obra póstuma que reuniu as manifestações orais e escritas de Foucault, desde as conferências e resumos de Cursos até notas de jornais, cartas e outras comunicações. Publicada em 2001 e republicada em várias edições na França, sob a direção de Daniel Defert e de François Ewald, em dois volumes, com as manifestações entre 1954 e 1988 por meio de publicações.

nessa dimensão da relação com o outro a partir do esforço teórico analítico que Foucault realiza em sua arqueologia da cultura greco-latina clássica, especialmente nos estóicos Sêneca e Marco Aurélio. É justamente da compreensão do cuidado como meio de preparação do sujeito e, ao mesmo tempo, de um transformar-se em sujeito que vai se constituir como uma trajetória de formação, de compreensão de si e de atuação profissional, que este texto tratará.

Em 1982, Foucault já oferece o décimo primeiro curso nessa Instituição peculiar francesa que é o Collège de France². Foucault não tem alunos ou matriculados em seus cursos, mas ouvintes. Não constituir, de fato, uma relação professor-aluno ou mestre-discípulo ou ainda de diálogo com os presentes. Ele mesmo reclama durante os cursos dessa “teatralização” de uma relação que esperava ser mais próxima, mais partilhada. Aí está, nesta perspectiva, um primeiro elemento fundamental de uma relação professor-aluno que não acontece, para Foucault e seus ouvintes ou entre eles, mas que é desejada pelo orador³. Ele sugere mesmo que poderia se reunir com alguns, cerca de quinze ou vinte para uma conversa sobre o que tem falado nas aulas e que, por razões logísticas, não lhes é permitido durante esses encontros formais.

É curioso que o professor propõe uma alternativa à impossibilidade do diálogo com muitos e ao mesmo tempo, mas há escolas brasileiras que permanecem com salas repletas em turmas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, sem quaisquer constrangimentos das autoridades que insistem em empregar uma disposição normativa que toma como parâmetro uma relação matemática de aluno por metro quadrado ao invés de privilegiar o diálogo e a formação do outro⁴.

Michel Foucault escreve suas aulas ou seja, anota os pontos fundamentais de sua investigação como um roteiro, um caminho lógico a ser descrito que funciona em espiral, de modo que além de anunciar o tema, constantemente retoma o que foi tratado

² Não é uma instituição escolar, mas um centro que acolhe investigadores que tem o compromisso de oferecer um curso sobre o estágio atual de sua investigação a cada ano em até vinte e seis horas anuais.

³ Informação reiterada na Advertência que abre as edições francesas e portuguesas dos Cursos ministrados entre 1971 e 1984, à exceção de 1977 – ano sabático para Foucault.

⁴ Até hoje, a Secretaria de Estado da Educação do estado de São Paulo emprega em seus procedimentos de autorização de funcionamento de cursos e de escolas uma norma da Secretaria de Estado da Saúde que dispõe sobre a relação entre a área (metragem) e o pé direito (altura) das salas e o número de presentes. Restaria saber se, além de respirar, poder-se-ia estabelecer um diálogo proveitoso para o percurso de cada um ter um aluno a cada metro quadrado ou a cada um metro e vinte centímetros quadrados em uma sala de aula.

quer no último curso, quer na última aula ou ainda na última meia-aula⁵. Esse é outro ponto fundamental à prática docente: é preciso sistematizar as ideias, é preciso organizar de modo compreensível a fala de modo a permitir certos recursos enfáticos que apenas a língua falada permite, bem como de improvisações e de sínteses empregadas conforme o tempo disponível.

Esses dois apontamentos metodológicos destacados ainda da introdução dos Cursos são pertinentes, não como regras ou ordens a serem cumpridas, mas como pontos de reflexão para aquele que tem diante de si essa tarefa de empregar a voz como meio de argumentação ou de sustentação de um conjunto de ideias que não se apresentam como o “ensino de uma ou de um conjunto de verdades”. São na verdade proposições que se apresentam de um raciocínio encadeado que expõe uma hipótese de investigação levada a cabo com o emprego de alguns instrumentos metodológicos que podem auxiliar na crítica da própria tese, ou melhor, na retomada da tese a partir de outro ponto, naquilo que se constituiu como sua marca registrada – a dúvida como elemento fundamental do raciocínio e a serviço da crítica insaciável.

O que se percebe dos escritos e da narrativa foucaultiana acerca de suas investigações dá luz à uma preocupação acentuada com o rigor analítico e metodológico e, por outro lado, uma persecução contínua e implacável de uma forma de compreender a História como ferramenta para a compreensão da atualidade. É, pois, presentificando a narrativa que ele encontra um modo de lançar luzes sobre questões cruciais da existência e, neste caso, sobre a formação docente.

É bom lembrar que apenas em *Surveiller et Punir*, de 1975, diretamente, Foucault trata diretamente de algo que poderia ser tomado como rotina escolar ao tratar da disciplina dos corpos em sua relação complexa com os sons e com a disposição dos alunos nesse quadriculado formado pela sala de aula. Mais lembra um campo de “batalha naval” do que propriamente um ambiente de encontros e de partilhas em favor do desenvolvimento humano.

Por outro lado, é bom deixar emergir os elementos que podem contribuir para a compreensão desse “cuidado de si” como “cuidado com o outro” ao longo do itinerário,

⁵ Outra forma de variação da rotina prevista pelo *Collège de France*, Foucault começa a variar o horário de início das sessões para ver se a turma de fiéis ouvintes reduz e, ainda, por razões de cuidado consigo, dividir as sessões em duas partes, prática que leva a cabo a partir, justamente, deste Curso de 1982.

do percurso dos doze encontros realizados entre janeiro e abril de 1982.

2 Discussão e Análise

O ponto de partida é o Curso anterior – Subjetividade e Verdade – do qual o filósofo resgata o “cuidado de si” como “novo ponto de partida teórico”, ou seja, uma outra forma de compreender a relação do sujeito com a verdade e o papel desse processo na constituição dele mesmo como agente de seus processos, diretor da sua consciência, mestre de si. Sócrates é chamado desde o início como esse “mestre do cuidado”, mas curiosamente, alguém que faz da sua missão uma relação necessária com o outro.

Foucault percorre ou sobrevoa a *Apologia* de Sócrates para se concentrar no diálogo *Alcebiades*. É, justamente, da pretensão política de Alcebiades que surgirá a oportunidade para o diálogo que oferecerá os elementos para que a compreensão acerca da necessidade do cuidado consigo seja priorizada a fim de que possa, senhor de si, governar ou cuidar de toda a cidade – dos outros.

É algo a pensar no ofício docente. Cuidar de si como condição para poder cuidar da relação de ensino-aprendizagem com o outro. “Cuidar com” e não “do outro”. Isso significa municiar, fornecer instrumentos, apresentar mecanismos que possam ser empregados pelo outro no processo de assenhramento de si, na descoberta de suas potencialidades e no desenvolvimento dessas. É algo que Jacotot, pelas palavras de Rancière (1987)⁶, resgata em seus alunos que aprendem francês sem conhecer uma palavra do idioma (francês, no caso dos alunos, holandês, no caso de Jacotot).

Importa também a forma, o modo de aproximação do ensinante com esse “vir a ser sujeito”. Isso porque não se trata de proferir verdades ou algo a ser reproduzido, mas, assim como fez Jacotot, investir na capacidade do outro descobrir-se e talhar-se como senhor de si, um sujeito. Nesse sentido, para Rancière, a explicação “emburrece”, faz-se (de)serviço à formação e, portanto, é (de)formação.

Para Foucault também. Em uma entrevista de 1975 esse intelectual afirma ser ou tentar ser “um mínimo de professor” no *Collège de France*, no sentido de distanciar-se daquele sujeito que profere verdades para uma plateia que precisará provar que as

⁶ RANCIÈRE, J, 1987, *Le Maître Ignorant: cinq leçons sur l'émancipation intellectuelle*, p. 7.

professa por meio de exames. Ao contrário, nem ele professa verdades, nem verifica suposta aprendizagem, mas partilha um percurso de investigação e as dúvidas, incertezas, descaminhos que esse trilhar oferece como exercício de método, como forma de desvelamento de uma outra narrativa, algo que ficou sem ser dito, sem ser expresso, mas do qual se pode resgatar vestígios, fragmentos, testemunhos de algo a ser compreendido.

A partir dessa negativa sobre ser um professor ou da afirmação de objetivar ser minimamente esse que profere verdades (que as reforça e que exige de seus alunos a prova dessa “aprendizagem”, que marca distância para buscar uma aproximação outra, mais dialogada naquilo que é possível, mais negociada como forma de coexistência e mais atenta às necessidades do outro) Foucault desenvolve uma compreensão sobre a escola, sobre a sociedade e sobre a participação dos pais no processo de formação inicial do sujeito. Pode ser que boa parte do “sofrimento” dessa docência destinada a um público tão variado, heterogêneo e numeroso se referisse, justamente, a esse encontro não totalmente realizado, a esse anonimato do interlocutor em meio à massa, à essa necessidade de identificação com o outro.

A escola é um lugar triste, que castra a curiosidade e a vontade dos sujeitos, para não dizer o desejo de aprender. Já a sociedade, por meio dos pais, projeta nos filhos objetivos que acabam por serem demasiadamente pesados. Trata-se, nesse caso, de uma projeção de realização de sonhos frustrados ou realizados de forma incompleta. Por fim, aponta uma possibilidade de a escola despertar no outro um desejo capaz de transformá-la em uma espécie de catalisador da energia humana ao modo de outros desejos, tão bem discutidos na sua “História da Sexualidade, volumes de I a IV.

É esse estar em relação que se manifesta, muitas vezes, no apelo à uma sessão reservada com uma ou duas dezenas dos ouvintes, à uma conversa sobre o que investigam ao modo de uma inversão de papéis – um convite para contar-lhes seus objetos de investigação e suas questões a partir do que partilhara com eles.

É uma busca do outro, anônimo na massa de ouvintes, esse processo de diálogo com o coletivo. É essa outra relação que pode ser desenvolvida e transformar, profundamente, a relação daquele que forma com aquele que é formado pelo processo de formação inicial docente ou, aprimorado, por meio do formação continuada docente voltado aos profissionais do Magistério da Educação Básica nacional (BRASIL, 2015),

mas também do Magistério Superior, evidentemente.

O que Foucault faz ao retomar o platonismo e compreendê-lo como uma introdução ao pensamento filosófico clássico, helenístico, romano e ocidental é, em linhas gerais: Sócrates e o Alcibiades marcam a primeira parte. Platão e a questão do outro propiciará o pano de fundo para que o retorno aos estóicos – por meio de Sêneca e de Marco Aurélio – realize-se. Cuida-se, nesse contexto estóico também chamado de *âge d'or de la philosophie* (FOUCAULT, 2001: 79), de uma ascese que se realiza por meio de exercícios espirituais que são um fim em si, que não se apresentam como meio para outra tarefa que não o estar no controle de si. Mas um retorno à Sêneca e alguns acenos à parrêsia (tema dos últimos dois Cursos no Collège de France) e o retorno final ao Alcibiades e à maestria de si.

É esse o percurso que será retomado em seguida.

Contudo, a questão da (des)aprendi(zagem)⁷ parece fundamental, na direção daquilo que Foucault assinala, sobre a expressão “*in visceribus ipsis sedet*” a partir da Carta 50 de Sêneca a Lucílio ao se referir ao mal que habita em nós e que carece de correção:

Dans cette pratique de nous-même, il faut travailler pour expulser, expurger, maîtriser, s’affranchir et se délivrer de ce mal qui nous est intérieur ... Bien sûr, il est beaucoup plus facile de se corriger si l’on prend ce mal à une époque où on est encore jeune et tendre, et où le mal n’est pas encore incrusté (L’Herméneutique du Sujet, 2001, p. 91)⁸.

Expulsar de si o que há de mal, ideia fundamental depuradora do sujeito e que é resgatada em relação aos hábitos que não favorecem esse encontro consigo, essa transformação contínua de si.

Nessa direção, é o que Foucault afirma em seguida, nessa incursão pelo processo necessário de (des)aprendi(zagem):

⁷ A expressão francesa *désapprentissage* é reveladora de um processo de aquisição da sabedoria (*sagesse*) ou de um tornar-se sábio (*sage*), acrescida do prefixo negativo (de). Assim, é preciso desaprender aquilo que funciona como um obstáculo à verdadeira formação de si, especialmente na família e na escola. Em outras palavras, *virtutes discere, vitia dediscere* – aprende as virtudes e desaprende os vícios, conforme Foucault (2001, p. 92).

⁸ “Na prática de nós mesmos, devemos trabalhar para expulsar, expurgar, dominar esse mal que nos é interior, nos libertar e nos desembaraçar dele... certamente, é muito mais fácil corrigir-se quando se assume esse mal no período em que se é ainda jovem e tenro e o mal não está ainda incrustado.” (Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail, edição brasileira de A Hermenêutica do Sujeito, 2014, p. 86).

Redevenir ce qu'on n'a jamais été, c'est là, je pense, un des éléments, un des thèmes les plus fondamentaux de cette pratique de soi... or, cette idée d'un désapprentissage est une notion qui, de tout façon, doit commencer même si la pratique de soi s'amorce dans la jeunesse, cette réformation critique, cette réforme de soi qui a pour critère une nature – mais une nature qui n'a jamais été donnée, n'est jamais apparue comme telle dans l'individu humain, à quelque âge que ce soit -, tout ceci prend naturellement l'allure d'un décapage par rapport à l'enseignement reçu, par rapport aux habitudes établies et par rapport au milieu. Décapage de tout ce qui a pu se passer, d'abord dans la petite enfance. Et c'est là la fameuse critique, si souvent reprise, de la première enfance, et de ces fameux contes de nourrice par lesquels on oblitère et déforme déjà l'esprit de l'enfant (L'Herméneutique du Sujet, 2001, p. 92)⁹.

Há vários elementos importantes nessa exposição de Foucault sobre a tradição cínica e estoíca acerca dessa ideia de (des)aprendi(zagem). O primeiro e especialmente importante é esse de “tornar-se o que nunca se foi”, ou seja, desprovidos do engano, da ilusão e dos desvios da formação inicial. Poder-se-ia pensar, na formação inicial dos profissionais da educação nacional – nas lacunas que cada um pode verificar por meio de um exercício de memória – lacunas essas também relativas às opções feitas pelos formadores, às vezes quanto a temas ou assuntos não muito palatáveis ou, ainda, não muito fáceis de serem abordados devido aos valores, crenças e preferências políticas e ideológicas. Seria possível, contudo, observar que variam muito as exigências de cada formador e que nem sempre a nota mínima obtida, bem como o processo de avaliação, assegura alguma cobertura razoável acerca dos conteúdos fundamentais de cada disciplina, frente ou experiência formativa.

Outro elemento é essa ideia de quanto mais cedo melhor. O quanto antes for possível confrontar os próprios vícios e desgarrar-se dos medos, dos traumas e das prisões impostas por uma educação castradora e disciplinadora, em grande parte praticadas na escola e por meio dos educadores. Contudo, não se trata de uma operação realizável pelo outro, apesar da importância da participação desses agentes da vida familiar e da vida escolar nos primeiros anos de vida do ser humano. É, por outro lado,

⁹ “Tornemo-nos o que nunca fomos, esse é, penso eu, um dos mais fundamentais elementos ou temas dessa prática de si... ora, essa ideia de desaprendizagem que, de todo modo, deve começar ainda quando a prática de si se esboça na juventude, essa reformação crítica, reforma de si que tem por critério uma natureza – mas uma natureza jamais dada, jamais manifestada como tal no indivíduo, de qualquer idade –, tudo isso assume, muito naturalmente, a feição de um desbaste em relação ao ensino recebido, aos hábitos estabelecidos e ao meio. Desbaste, inicialmente, de tudo o que ocorreu na primeira infância. Nisso consiste a famosa crítica, tantas vezes repetida, da primeira educação e dessas famigeradas histórias da carochinha com as quais, desde cedo, oblitera-se e deforma-se o espírito da criança” (Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail, edição brasileira de A Hermenêutica do Sujeito, 2014, p. 87).

uma compreensão que pode ser semeada, mas que deve florir no coração de cada um, de modo a esse processo de crítica, de questionamento e de revisão irromper a armadura construída por meio do processo de socialização. De outra forma, é também um desapego em relação às lendas, tradições, crendices, especulações infundadas e praticadas por tantas vezes na vida cotidiana que acabam por constituir hábitos.

A crítica de Foucault ao poder docente, à instituição escolar e à participação dos pais nesse processo aproxima-se, muito, daquela que seria construída a partir dos anos 1970 por Pièrre Bourdieu em sua clássica obra com Passeron – A reprodução. Instituição destinada a manter tudo em seu lugar e, assim, aprofunda as desigualdades sociais, a escola realiza justamente o inverso do que se espera de uma instituição libertadora, autonomizadora ou emancipadora.

Em primeiro lugar, porque tais movimentos devem partir do próprio sujeito e não de agentes ou de instituições externas. Em segundo, porque os próprios profissionais da educação muitas vezes reproduzem discursos e práticas que promovem a competição, a exaltação dos já mais preparados e a exclusão dos que já detêm um baixo capital cultural. Contudo, há que se resgatar na reflexão de Foucault a importância do outro nesse processo de cuidado de si.

O outro, não apenas como destinatário de um cuidado – no caso, o aluno – mas, fundamentalmente, o outro capaz de assumir uma posição de amizade, de mediação, de motivador das potencialidades emancipatórias e autonomizadoras de cada um. É nessa direção que Rancière descrevia o mestre ignorante personificado em Josef Jacotot como aquele capaz de despertar o melhor no outro. Isso é, em outras palavras, isso que nunca fomos mencionado por Foucault, isso que precisa ser cultivado desde cedo e que depende fundamentalmente de um conjunto de escolhas do ser humano que se transforma em sujeito, senhor de si, diretor de si mesmo, de sua consciência, de suas possibilidades e de suas limitações.

Considerações Finais

O itinerário investigativo de Michel Foucault, entre 1970 e 1984, exposto sistematicamente a cada verão francês entre janeiro e março ou abril de cada ano, à exceção do ano letivo de 1976/1977 (ano sabático) pode ser compreendido a partir de uma divisão, sempre arbitrária mas útil para este fim, que consiste em uma concentração nas discussões sobre o poder e as instituições até justamente esse ano de interrupção e uma retomada, a partir de 1977/1978 – Curso Segurança, Território, População – até o último, abreviado em razão de seu adoecimento, mas de título extremamente significativo – A Coragem da Verdade de 1983/1984 – período no qual discute o nascimento de uma ideia de governo, de uma lógica de estado que cria uma nova forma de administração das coisas e das pessoas, mas que busca na Antiguidade grega e romana a raiz de concepções fundamentais à constituição do pensamento filosófico no ocidente até o presente.

É nesse contexto que o Curso de 1982 se apoia no desenvolvimento específico e sistemático da ideia de cuidado de si, que fundamentalmente é pensado na relação com o outro, mas não mais como condição e sim como um processo social que é retomado e retrabalhado pelos neoplatônicos e que é essencial para a constituição de um pensamento crítico sobre a formação do sujeito no ocidente, a participação do outro nesse processo e a constituição de uma capacidade autoreflexiva, crítica, com recurso à memória e com a coragem de enfrentamento do desafio que se constitui como esse de um sujeito que é senhor de seu itinerário formativo, que tem sob a sua responsabilidade parte do percurso de outros (orientandos, alunos, cooperadores), mas que carece, fundamentalmente, de investir em si, de cuidar de si para que esse governo dos outros possa se deslocar, como quer Foucault, de uma imposição cruel e castradora para uma amizade frutuosa por meio da partilha de um percurso do qual esse sujeito formador e os outros podem se beneficiar.

Ao final, o cuidado de si como cuidado do outro depende fundamentalmente do resgate de uma concepção também clássica, que é a amizade. No sentido de que é fundamental importar-se como o percurso do outro, mas que se deve, também, semear e confiar no desenvolvimento e no cuidado de si que esse outro pode certamente realizar.

Esse processo é ainda mais necessário em um meio acadêmico que oferta meios não presenciais de interação, capazes de aprofundar as práticas coercitivas e disciplinares do ensino presencial, capaz também de desumanizar cada vez mais a

relação professor-aluno.

É por isso que as atividades semipresenciais ou a distância carecem de encontros iniciais e intermediários como estratégia de construção da relação de ensino-aprendizagem, dessa relação de amizade como outro, que permite a constituição do compromisso e o trilhar desse caminho por meio de aulas, encontros, grupos de pesquisa, eventos e trabalhos, sobretudo em comum.

Formar é, necessariamente, formar-se no processo de compreensão e de investigação, de docência, de orientação, de formação de si como formação do outro e para a formação do outro. Contudo, como ensinam Foucault, Rancière e Bourdieu não se trata de moldar o outro ou de impor-lhe um modelo de formação ou de formador, mas de compreender como é possível uma aproximação frutuosa e capaz de fazer dessa partilha de itinerários uma relação de amizade e de caminho em comum.

O exercício da autonomia implica, de alguma forma, um trabalho constante do formador. Tal atitude, ao modo da maiêutica socrática, oferta um caminho de diálogo entre mestre e aluno, um itinerário formativo do qual o aprendente também se apropria, torna-se sujeito, assume gradativamente a condução de seu processo formativo, liberta-se das amarras que empregaram a escolarização, que o castraram e que tomaram o seu desejo.

É o frenesi apontado por Foucault, ainda em sua entrevista de 1975 e provocado por uma corrida das pessoas à escola, como se sentissem que ir para esse lugar significa completar uma necessidade absolutamente irresistível do sujeito, um verdadeiro desejo que transformaria, ao final, tal realização em um desastre social total, em vista das escolas não poderem acolher tamanhas volúpia, vontade e prazer.

Com Michel Foucault, sobretudo com esse último Foucault dos sete últimos cursos do Collège de France, temos a possibilidade de acompanhar um retorno fundamental à temática do sujeito, à questão do assujeitamento e à questão, também fundamental, da amizade como elemento fundamental da relação de ensino-aprendizagem, desse contato absolutamente fundamental e prazeroso com o outro, como um privilégio de tomar parte no itinerário formativo de um ser humano.

É esse Foucault que criticou um Humanismo inconsequente e defendeu uma Filosofia crítica alicerçada na possibilidade de – exatamente – não conduzir o outro, mas dialogar acerca de um objeto de investigação, tantas possibilidades de reflexão

acerca de si, acerca do outro e dessa relação – que de outra forma – sintetiza a relação de ensino-aprendizagem, a relação professor-aluno, o contato cotidiano mestre-discípulo.

Referências

BOURDIEU, Pièrre; PASSERON, Jean Claude. **La Reproduction**. Paris, Minuit, 1970.

FOUCAULT, Michel. Sur l'École, l'enseignement, les diplômes...savoir/pouvoir vs savoir/plaisir. Fragment de une Entretien avec Jacques Chancel, 10.mars.1975, 54'30. Paris, *Radioscope*, 6'21". Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=VjsHyppHiZM>> (consulta em 08.jul.2018).

FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits, II: 1976-1988**. Édition établie sous la direction de Daniel Defert et François Ewald avec la collaboration de Jacques Lagrange. Paris: Quarto/Gallimard, 2017 (revisé a partir da original de 2001 – original de 1994).

FOUCAULT, Michel. **L'Hermeneutique du Sujet: Cour au Collège de France. 1981-1982**. Édition établie sous la direction de François Ewald et Alessandro Fontana, par Frédéric Gros. Paris: EHESS/Gallimard/SEUIL, fév.2001.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito: Curso no Collège de France. 1981-1982**. Edição estabelecida por Frédéric Gros sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e de Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 2014, 3ª. ed.

RANCIÈRE, Jacques. **Le Maître Ignorant: cinq leçons sur l'émancipation intellectuelle**. Paris: Livrarie Arthème Fayard, 1987.

PEREIRA, David da Silva. **Elementos do Cuidado de Si como Cuidado do Outro no Último Foucault**. Trabalho apresentado como comunicação oral no VI Encontro Nacional Michel Foucault. Uberlândia, ago.2017 (no prelo).

PEREIRA, David da Silva. **“Educação Escolar e Formação Docente para as Diferenças e as Diversidades”**. Trabalho apresentado como comunicação oral no 1º. Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação: Diferença ou Diversidade ou como escapar do conformismo? Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, set.2017 (no prelo).

PEREIRA, David da Silva; PEREIRA, Silvana Dias Cardoso Pereira; SILVA, Ingrid Ellen. **Por uma Formação Docente dissonante a partir do Último Foucault**. Trabalho apresentado no 21º. Congresso Internacional de Leitura (COLE-UNICAMP). Campinas: Associação de Leitura do Brasil (ALB), jul.2018 (no prelo).